

## O PENSAMENTO E A TERRA

Ana Rita Nicolliello<sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio é uma reflexão sobre a pergunta “*qual é a relação do pensamento com a Terra?*”, colocada por Gilles Deleuze e Félix Guattari no livro *O que é a Filosofia?* Partindo de uma perspectiva situada que engloba experiências em primeira pessoa com mudanças, trânsitos e deslocamentos, além da prática da caminhada e da dança, agencio-me com algumas aliadas e aliados para defender as potências do *pensamento deambulatório*, isto é, do pensamento compreendido enquanto movimento intensivo do corpo; enquanto instância não separada e nem acima das sensações e dos afetos, mas constituída por eles. O *pensamento deambulatório* é uma atividade sensível e de produção de sentido que se ancora no chão e que se expressa como rastro de movimentos do corpo. É um pensamento que toma posição, que é consciente de sua parcialidade e de sua necessidade de formar redes, e que, por todas essas razões, pode sonhar novas paisagens na Terra.

**Palavras-chave:** pensamento; movimento; sensível.

## THE THOUGHT AND THE EARTH

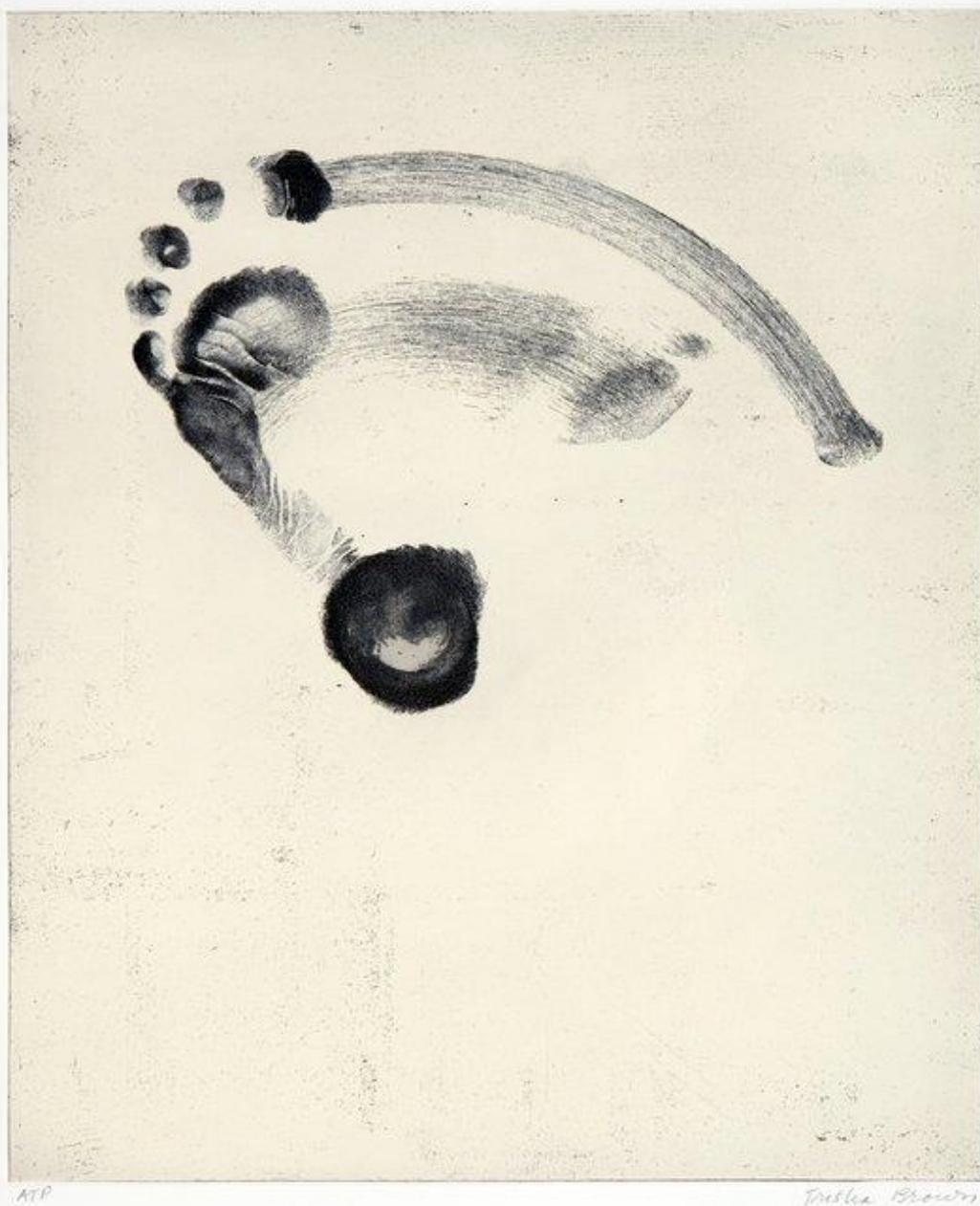
**Abstract:** This essay is a reflection on the question “*what is the relationship between the thought and the Earth?*”, posed by Gilles Deleuze and Félix Guattari in the book *What is Philosophy?* Starting from a situated perspective which involves first-person experiences with changes, transits and displacements, as well as the practice of walking and dancing, I agency my thoughts with some allies to defend the powers of the *roaming thinking*, that is, a thinking understood as a body intensive movement; as an instance not separated from nor above sensations and affections, but constituted by them. The *roaming thinking* is a sensible and meaning-producing activity anchored on the ground, which expresses itself as a trace of body movements. It is a thinking that takes position, aware of its partiality and its need to create networks and, for all these reasons, capable of dreaming up new landscapes on Earth.

**Keywords:** thought; movement, sensible.

---

<sup>1</sup> Doutora em filosofia pela UFMG (2022-CAPES), com estágio doutoral na Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne (CAPES-COFECUB); mestre em filosofia pela UFMG (2017-CNPq) e graduada em direito pela Faculdade de Direito Milton Campos (2011-FAPEMIG). Atua principalmente nas áreas de Filosofia Contemporânea, Estética e Filosofia da Arte, na interseção com a ética, a epistemologia e a política. É pesquisadora do corpo, artista e professora de dança contemporânea. É integrante do projeto de pesquisa “Modos de presença nas manifestações estéticas contemporâneas”, do CNPq. E-mail para contato: anarita.nicolliello@gmail.com

Trisha Brown. Sem título. 2006



## Qual terra?

“Qual é a relação do pensamento com a Terra?”, perguntam Gilles Deleuze e Félix Guattari no livro *O que é filosofia?*, de 1991. Há uns três anos me encontrei com essa pergunta num momento da vida em que minha cabeça fervilhava com ideias para povoar as páginas em branco de uma tese de doutorado em estética e filosofia da arte sobre o tema do corpo e da dança<sup>2</sup>. Era um momento turbulento, porque eu não parava de me mudar. De casa, de estado, de país, de língua. Era difícil parar para pensar e, ao mesmo tempo, o pensamento não parava, porque a todo tempo era estimulado pelo vai e vem, pelo zig-zag, pelas mudanças de lugar, de entorno, de paisagem, de ponto de vista, de temperatura, pelo trânsito fortuito de afetos, atravessamentos e encontros. Tudo colorido pela angústia de uma crise sanitária planetária que espalhava medo, morte e nos obrigava a permanecer temporariamente imóveis, em estado de espera e de alerta, para nos proteger não apenas de um vírus invisível e desconhecido, mas de um governo fascista e homicida que teimava em minimizar os efeitos catastróficos das ondas de contágio e contaminação.

Com essa pergunta martelando na cabeça, “qual é a relação do pensamento com a Terra?”, uma reflexão sobre o que é, afinal, o próprio pensamento começou a tomar a dianteira em minhas investigações filosóficas, geográficas, políticas e estéticas. Como pensadora-dançarina, sinto que pensar é um ato do corpo inteiro, um movimento do corpo no tempo e no espaço, que se passa, de certa maneira, à revelia de nossa vontade quando certos circuitos estão em funcionamento. Além disso, sinto que o pensamento nasce de uma circulação de sensações e afetos de um corpo que está no mundo, isto é, do fato de que, o tempo todo e antes de tudo, afetamos e somos afetados. É essa reflexão sobre o pensamento, sobre o movimento e sobre o chão que quero compartilhar neste singelo ensaio.

---

2 LEITE, 2002. A tese *Coreografia das sensações – corpo, dança e filosofia* foi defendida em julho de 2022 e encontra-se disponível no Repositório de Teses da UFMG. Nela, os conceitos que utilizo nesse texto são trabalhados com mais precisão, principalmente aqueles colhidos do pensamento de Deleuze e Guattari, meus principais aliados conceituais, tanto aqui quanto lá.

## O pensamento sedentário

A intuição de que o pensamento está ligado a um certo movimento do corpo me colocou na contramão de alguns caminhos que costumam ser predominantemente tomados pela tradicional filosofia ocidental, aquela que se pretende amiga do saber. Em primeiro lugar, o caminho, digamos, biologicista que toma o pensamento como uma “atividade da mente”, essa entidade abstrata, sem materialidade somática, que é a ferramenta de antecipação e previsão desenvolvida pela espécie *homo sapiens* no curso da evolução, capaz de configurar o mundo em conceitos. Em segundo lugar, o caminho moralista que afirma que o pensamento é fruto de uma vontade livre e racional, passível de ser dirigido e controlado por uma boa vontade e a uma reta razão. Em terceiro lugar, o caminho lógico que sustenta que as operações do pensamento obedecem a certas regras transcendentais e universais, regras que podem ser “descobertas” se utilizarmos bem a nossa razão.

Esses três caminhos nos levam a uma espécie de “senso comum” sobre o que significa pensar: o pensamento seria uma espécie de intra-ação inata que se passaria dentro de nós, na nossa mente, e que nos permitiria extrair do vivido de nosso corpo – de nossas interações empíricas com o mundo – o que é invivível, não-empírico. Em outras palavras, o pensamento seria a faculdade humana de criar representações, isto é, de abstrair das situações concretas e corporais imediatas o que é incorpóreo, imaterial, impessoal. É justamente esse caráter sobrevoante do pensamento o que nos permitiria decolar de nossa experiência empírica privada para uma atividade de generalização: nomear as coisas, aplicar conceitos, compreender relações de causalidade, refletir sobre os fatos e dirigi-los, definir regras e valores, erigir crenças, sentir a beleza, criar instituições, desenvolver técnicas, regular a vida social, estabelecer consensos, conhecer e controlar a natureza, inclusive a natureza em nós mesmos – nossos corpos animais, desejantes e irracionais. Segundo esse senso comum, o pensamento é interioridade, imaterialidade, *logos* povoado pela linguagem, conceitos e proposições, que sobrevoa o mundo e os corpos, que não tem mãos para agarrar nada, que não tem pés para caminhar, que não pesa.

Esse modelo do senso comum sobre a natureza do pensamento é um modelo que não inclui o corpo, ou melhor, que não lhe confere um lugar privilegiado.

Pois pensar bem, de modo correto, implicaria em uma espécie de neutralização do corpo. Não há como pensar direito se o corpo está em movimento, em estado de necessidade, sacudido pelos afetos e forças de desejo que desestabiliza e fragmenta o sujeito que pensa. Para realizar o movimento interior do pensamento seria preciso frear tanto o movimento extensivo (deslocamento) quanto o movimento intensivo do corpo (afetos, desejos). Um movimento de cada vez! Parar para pensar, pensar sentado, no silêncio e longe do mundo, longe dos riscos. Sedentarismo como condição do pensamento, modelo de Rodin e de todo pensador de gabinete, solitário, rodeado de livros nos quais estão inscritos os pensamentos dos outros, geralmente homens brancos, burgueses e ocidentais, que para pensar também pararam, sentaram e leram. Animal racional, cogito, sujeito transcendental. Silêncio ambiental para o solilóquio interior do pensamento.

O corpo sentado no gabinete, na biblioteca, no escritório ou em qualquer espaço protegido, seria apenas o suporte material para a atividade imaterial que se passa na mente. Ele é, no fim das contas, um estorvo para o pensador burguês que precisa se alimentar, ir ao banheiro, descansar a visão que se embaça diante das palavras grafadas, que sofre com as dores na coluna, nos joelhos, nas mãos, a cabeça prestes a explodir. Que sofre ainda com a confusão das paixões desmedidas do corpo, paixões que perturbam seu sublime momento de reflexão, desorientam seu reto pensamento e sua boa vontade, conduzem ao erro. Ah, se pudesse se desembaraçar dessa gaiola que o desconcentra e o limita, ah, se pudesse pensar sem corpo – promessa dos entusiastas das tecnologias, dos avatares e dos algoritmos.

Mas como não pode, até então, livrar-se do corpo, o pensador sedentário tenta ao menos controlá-lo para submetê-lo a um regime funcional e produtivo. Afinal, sem corpo não pode exprimir o pensamento: ele precisa de língua para articular as palavras pensadas, de mãos para escrevê-las, de membros para colocá-las em prática. O corpo seria então o operário da cultura, uma espécie de ferramenta, instrumento e veículo do pensamento. Ele teria a função, num primeiro momento, de colher e fornecer os dados, as sensações, os elementos sensíveis sobre os quais o pensamento trabalha; num segundo momento, de obedecer e executar. Como um país colonizado, o corpo forneceria a matéria-prima para depois comprar os produtos elaborados por um preço alto demais, o preço de sua servidão. O corpo leva a mente

para passear, sustenta suas maquinações abstratas, executa seus comandos e é ainda obrigado a suportar suas lamentações e denúncias. Porque é sempre acusado de ser imperfeito, imprevisível, finito e animal. A obscuridade das paixões, suas ambiguidades e seus delírios, ofuscam a luz da razão e impedem o trabalho perfeito do *logos*. A mente quer voar cada vez mais livre do corpo, de sua finitude, de seu cansaço e de sua doença, em direção ao belo, bom e verdadeiro, ao absoluto.

### Pensamento e movimento intensivo

Escolhi tomar um outro caminho, mais tortuoso e mais divertido, talvez porque danço e porque faço aliança com pensadoras e pensadores que gostam de deambular, que apreciam a vida. Talvez se não partíssemos de um dualismo que opõe a mente ao corpo, poderíamos defender que o pensamento é um fenômeno que se passa no próprio corpo quando este se põe em movimento: não necessariamente um movimento extensivo e visível (deslocamento), mas um movimento antes de tudo intensivo e invisível, que diz respeito à circulação das sensações e dos afetos<sup>3</sup>. Acredito, contudo, que o movimento extensivo, o deslocamento do corpo pelo espaço – o ato de caminhar, de viajar, de partir de casa, de dançar – favorece os movimentos intensivos e invisíveis, o trânsito das sensações e dos afetos, que são, afinal, o solo do pensamento. Dizendo de outro modo, a ideia é: o ato de deslocar o corpo pelo espaço – o ato de traçar, com nosso volume e nossa massa, um desenho na paisagem do mundo e na superfície da Terra – abre a subjetividade, sempre porosa, a afetar e a ser afetada; e é a partir dessa dupla-afetação que uma subjetividade pode pensar.

Compreender o pensamento dessa forma – como um dos movimentos intensivos do corpo, como algo que não está acima das sensações e dos afetos, mas que é constituído por eles, como uma atividade sensível e de produção de sentido – implica em admitir que ele não é simplesmente uma operação de generalização da

---

3 Um afeto (*affectus*), segundo Espinosa (2016), não é um sentimento, uma interioridade psicológica, mas o efeito de um encontro de corpos, que envolve o aumento ou a diminuição da potência de agir dos respectivos corpos que se encontram. Neste ensaio, o uso do termo afeto é sempre no sentido inaugurado por Espinosa.

mente, uma atividade de produção de representações; que tampouco depende de uma vontade consciente e racional, nem que obedece necessariamente a regras lógicas transcendentais e universais. Ou melhor, não é apenas isso, essa operação sedentária de abstração. O pensamento atinge sua mais alta potência quando se apresenta como uma forma qualificada de sentir, quando religa aquele e aquela que pensa ao próprio mundo, ao chão e à Terra. E talvez não seja possível, afinal, pensar parado, nem pensar sozinho, no silêncio, porque sentir (e conseqüentemente pensar) é justamente estar aberto ao fora, padecer. E encontrar. Só podemos pensar porque primeiro sentimos, encontramos o mundo. São esses encontros de uma subjetividade sempre em construção que disparam as cadeias do pensamento, as cadeias conceituais que, longe de serem abstratas, carregam com elas os afetos e as sensações produzidas naquela, naquele ou naquilo que pensa.

O pensamento, portanto, é algo que se passa em nós, no nosso corpo sacudido pelos afetos e preenchido por sensações, muito mais do que a produção intelectual de um sujeito puramente racional, que está no controle daquilo que pensa. Se é assim, movimentar o corpo, abri-lo a possíveis encontros, é condição para pensar. O lugar do pensamento é fora do gabinete, da biblioteca, do escritório. O lugar do pensamento é o corpo, o corpo no mundo. O pensamento começa nas mãos que tocam o mundo, nos pés que se põem a caminhar.

### **Pensamento e política**

O antropólogo Tim Ingold (2015) nos ajuda a retrair criticamente a história do pensamento sedentário, o pensamento que se liga à imobilidade, quando nos lembra que o ato de caminhar nas sociedades ocidentais era associado a uma baixa posição social. Ele destaca que o uso de cadeiras, antes de ser popularizado no século XVI, era monopólio das autoridades eclesiásticas e aristocráticas. A cadeira, esse lugar oficial do pensamento sedentário, portanto, carrega em sua história a marca do poder. Até hoje o trabalho intelectual continua atrelado à posição sentada (só pensa quem pode sentar) e permanece associado geralmente a um status social mais elevado, à classe dos dirigentes e detentores do poder.

Não é nenhuma novidade o fato de que a supervalorização do trabalho intelectual em detrimento do trabalho manual, e mesmo que toda a dinâmica da produção do saber nas sociedades ocidentais é intimamente coordenada pelas dinâmicas sociais do poder. Com ares de neutralidade, essas dinâmicas tentam escamotear as perversas divisões de classe, de gênero, de raça, de nação, que separam aqueles que sabem (a categoria não marcada do homem burguês, branco, ocidental, heterossexual, cisgênero, neurotípico) daqueles que devem ser ensinados (os pobres, os negros, os periféricos, os marginais, os não-ocidentais, as mulheres, os/as LGBTQIA+s, os loucos); afinal, aqueles que mandam daqueles que devem obedecer. Como dizia Donna Haraway (2009), a ciência ocidental se pretende objetiva, ao postular que pode falar de tudo a partir de nenhum lugar em nome do homem universal, sem considerar que quem fala geralmente é a categoria não marcada sempre e inevitavelmente do seu lugar de privilégio.

Com Ingold, podemos acrescentar: esse homem que fala de tudo em nome de todos está sentado. Para o antropólogo americano, as cadeiras são uma espécie de fundamento tecnológico para uma percepção sedentária do mundo que separa o pensamento da ação, a mente do corpo. Os pensadores que falam desde suas cadeiras ocidentais organizam o pensamento a partir do repouso, o que lhes interessa é frear o movimento do mundo no qual estão imersos, para extrair as formas imóveis e estáveis passíveis de serem apreendidas pela sua inabalável razão. É a pausa das coisas que fornece segurança a uma epistemologia que teme o movimento, que o considera, como em Aristóteles (1936), apenas um meio pelo qual a matéria informe passa à forma, um estado temporário e incompleto do ser.

O pensamento sedentário se concentra nas formas aparentes que as coisas tomam quando vistas por aquele que está parado, formas que são julgadas como o próprio real. Um tal pensador não se interessa pela viagem, apenas pelo destino. Ele gosta de viajar utilizando pacotes para turistas: sem se colocar em risco, sem cansar as pernas e sem sujar as mãos, ele observa, com seu olhar distante, os lugares pré-selecionados, tentando enquadrar a imagem das coisas pelo melhor ângulo da lente de sua câmera fotográfica. O melhor momento da viagem é quando chega finalmente em casa e olha suas próprias fotos com satisfação. A imobilidade das fotos faz esquecer o real da experiência, que é movimento, devir.

O índio Kuikuro de Canarana, amigo da antropóloga Amanda Horta, disse certa vez sobre os brancos: “faz-se qualquer coisa e se ‘senta um pouquinho’”<sup>4</sup>. É a dinâmica gestual que corresponde ao pensamento sedentário. Caminha-se para se chegar a algum lugar, de preferência onde se possa sentar. Aprende-se para se chegar ao saber, esse bloco de conhecimento supostamente verdadeiro, estável, imparcial, de preferência sem ligação com aquele ou aquela que o produziu, com o lugar e o contexto de onde nasceu, um saber sem chão e sem posição.

Para quebrar essa dinâmica sedentária, que avalia tudo em função do repouso, que avalia o processo de aprendizado em função das supostas certezas produzidas, talvez possamos utilizar a mesma estratégia que o escritor e revolucionário norte-americano Henry David Thoreau: dedicar a mesma quantidade de tempo às escritas e às caminhadas<sup>5</sup>. Caminhar, para colocar a pensadora e o pensador no meio do movimento, desde o início, compondo a paisagem, modificando e sendo modificado por ela. O pensamento aqui é deambulatório, ele acompanha e testemunha o próprio movimento das coisas e dos corpos, é movimento intensivo. E o pensador e a pensadora são andarilhos, nômades.

### **Pensamento deambulatório**

Caminhar, então, para começar a pensar. Pensar pelos pés. Assumir o nomadismo, pelo qual o lugar seguro da casa imóvel desmorona. Primeiro, levantar-se e sair de casa, sair do campo familiar em que tudo parece repousar em lugares já estabelecidos. Móveis, eletrodomésticos, livros, plantas, bichos de estimação. Crenças, valores, verdades, papéis, funções.

A palavra casa, aqui, não designa apenas a estrutura física de tijolos e concreto, tampouco se trata de uma metáfora. Casa é o conceito que escolhi para designar uma certa arquitetura do habitar, a expressão espaciotemporal de um Si composto de hábitos, repetições, modos reiterados de ser, de agir, de gesticular e de

---

4 Cf. HORTA e JACQUES, 2020, p. 12 .

5 Uma bela descrição do pensamento de Thoreau, com destaque para as suas práticas de caminhada pela floresta, pode ser encontrada em GROS, 2010.

pensar. Casa é toda essa constelação de repetições que permite que uma criatura seja distinguida de todas as outras e se proteja do caos, é um fator de individuação, é o preenchimento de um espaço-tempo concreto com certas qualidades sensíveis expressas na reiteração de gestos, palavras, cantos, modos de existir. Casa também é um lugar de acumulação, de sedimentação: é onde repousam os hábitos, os objetos pessoais, as crenças e as lembranças, enfim, um certo passado. A casa é um espaço de aglutinação, de síntese do tempo, do tempo de nossa vida, da história que nos unifica e nos constitui a partir de uma narrativa, a narrativa do Eu. É um espaço que cola na linha imaginária do tempo o Eu do passado, do presente e do futuro.

O primeiro passo para fora da casa é sempre solitário. Partir é sempre um movimento duplo: avançar e cortar. A gente sai de casa carregando pouco, para não suportar peso demais e ter margem de manobra, espaço para colher qualquer coisa que brilhar pelo caminho. Por isso, partir da casa levando apenas o necessário, deixando para trás uma parte de si. Partir é mesmo partir-se, desunificar-se, fragmentar-se, instituir no tempo de nossa história um acontecimento que marca uma ruptura entre o que foi e o que será de nós, entre o passado e o futuro. Depois de partir, não há como retornar, só há como repartir. Podemos até regressar à antiga casa, reencontrar os objetos familiares, topar com as crenças e as memórias que nos parecerão de outra vida. Seremos reconhecidos? É sempre um caminho de ida, voltar também é re-partir.

E então, depois do primeiro passo, estamos a sós diante do mundo, diante da grande encruzilhada. Ainda temos uma parte de nosso território sobre os pés – percursos familiares, trajetos conhecidos, pontos espaciais de referência, odores, rostos habituais. Mas conforme vamos nos afastando da casa, vamos perdendo o nosso território, ocupando espaços estrangeiros, em que a flora e a fauna são outras, em que o clima fatiga por excesso de calor ou de frio, em que a língua se esburaca de maus entendidos, em que rostos são sempre desconhecidos, em que gestos não querem dizer a mesma coisa, em que nosso bloco de saber desaba. Sentimos falta de algo que não trouxemos na mochila, ou então, falta qualquer coisa que nem sabemos nomear. Um estranhamento, um estado de alerta. Desterritorialização. Nesse novo espaço ocupado, nossas crenças e ações habituais não funcionam bem.

Os afetos atravessam violentamente e o mundo se apresenta como um problema. É preciso pensar para não ser engolido pelo caos.

O pensamento acontece, em sua mais alta potência, quando saímos de casa, quando nos desterritorializamos. Ele mesmo pode ser um fator de desterritorialização, um movimento intensivo que nos faz sair de casa. Nos dois casos, pensar tem a ver com ser transpassado pelo fora, com ser arrebatado pelo estranhamento de um mundo que não se apresenta como familiar, com uma inquietação, um não-saber, um movimento intensivo. Pensamos não porque queremos, mas porque somos levados a pensar, porque nosso corpo é afetado. O pensamento é um padecimento, uma paixão, um *pathos*.

Quando se caminha fora do território, quando o corpo muda de posição no espaço e no tempo, ele é convidado a se lançar e a lançar sobre o mundo novas perspectivas. Ele vê e sente as coisas por outros ângulos, por outras superfícies, por outras concavidades que mudam na sucessão dos instantes, conforme se avança o passo. Mais do que o olhar, o corpo todo é convidado a sentir o mundo em sua diversidade: todos os sentidos, ao mesmo tempo, interagindo com todas as coisas, que têm outros cheiros, gostos, barulhos, texturas. Ele é convidado a se colocar no meio do movimento, no olho do furacão, onde tudo vibra, inclusive seu espaço interior, atravessado pelas intensidades, pelos fluxos das sensações e dos desejos. Quando se caminha fora do território, tudo é meio vertiginoso e rápido demais. O caos, diziam Deleuze e Guattari (1997, p. 153), não é a desordem, mas a grande velocidade; as formas não se instauram completamente antes de serem já transformadas pelo devir incessante que arrasta o corpo como uma enxurrada. Fora do território, somos atingidos por intensidades vindas de todos os lugares, um bombardeamento de signos sensíveis nem sempre compreensíveis – línguas estranhas, sinais ambíguos, coisas que não sabemos nomear. Partir é perder-se, mas também é maravilhar-se ao encontrar, de repente, depois da curva, um bloco consistente de sensações e afetos que fica de pé, uma linha de desejo que faz convergir as intensidades e que se instala no espaço, na paisagem.

Caminhar fora do território é tatear a superfície da terra e a profundidade da paisagem com todos os sentidos, acompanhar o tempo, apreendendo a mudança gradativa das coisas, as diferenças intensivas de luminosidade, as gradações de

temperatura, a continuidade das linhas do relevo, as vibrações da matéria, que está sempre lá, resistindo. É também aceitar a brusquidão dos acontecimentos, a descontinuidade entre as coisas: o pé que pisa um espinho, um pio alto que colore de uma vez a paisagem, uma árvore que cai e que muda o caminho da trilha, um trovão distante, a chuva que despenca do céu, o acidente, o acaso. Caminhar, não para se chegar a um destino, mas ter como destino a própria paisagem. Ao caminhar nos misturamos às coisas que resistem, que persistem, e às coisas que devêm outras. Molecularizamos-nos, devimos paisagem, instauramos no solo, com o peso de nossos corpos, as nossas pegadas, o nosso trajeto. O corpo se junta à terra que pisa, deixando nela seus rastros, seus desenhos de chão e suas inscrições.

A paisagem não é um plano de fundo natural sobre a qual se erigem as formas culturais. As paisagens são condensações de relações, rastros de trajetos e interações, não apenas humanas; elas são compostas pelos seres que transitam, ela é dinâmica e mutável. Ailton Krenak previne: “o nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno”. Para Krenak, lembrando Davi Kopenawa, essa paisagem fixa que o homem ocidental vem impondo sobre a Terra vai fazer em breve o nosso céu desabar. É preciso sonhar outras paisagens possíveis friccionando o nosso corpo na superfície da Terra, gerando outros trajetos e espaços para respirar. “É importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção” (KRENAK, 2019, p. 13 e 29).

Pensar é também uma forma de sonhar outras paisagens para habitar. Os pensamentos também se inscrevem nas paisagens-mundo, são disparados por elas e as modifica. Como as pegadas, eles têm um lugar sobre o chão, sobre a Terra; como as pegadas, eles são rastros de trajetos, de vidas, de existências, têm peso. Pe(n)sar.

## Cair

Como deixar nossas pegadas sobre os chãos pavimentados das cidades globais contemporâneas, onde a paisagem parece já estar plenamente ocupada? Onde todos parecem deslizar pela superfície com seus automóveis, assim como os

dedos deslizam nas telas dos celulares, sem inscrever, escrever nada no chão, na Terra? Ou então, como caminhar quando o chão é arrastado pela escavação minerária, pela onda de rejeitos que destrói a paisagem, instaurando sobre ela um deserto de lama? Ou pelos incêndios que matam o solo, disseminando a fumaça tóxica que nos impede de respirar? Ou quando se é arrancado do próprio chão por um movimento forçado que expulsa, fazendo migrar como aves sem penas? Os povos escravizados, os imigrantes, os sem-papéis, os sem-abrigo, os sem-terra, os clandestinos... Ou então, como conta Davi Kopenawa em *A queda do céu*, quando o solo da floresta-casa é arrancado pelas escavadeiras para dar passagem à inacabada Perimetral Norte, com suas vagas epidêmicas mortíferas? Ou ainda, quando somos imobilizados numa casa que não é a nossa, numa prisão, ameaçados por algo invisível ou bem visível: um vírus, um capitão, a polícia, a milícia, a fome? Perder o chão assim é bem diferente de partir de casa. É ser empurrado num abismo, e cair.

Cair é perder o chão. Perdemos o chão não só quando somos empurrados pelas cruéis políticas do capital e do poder; caímos quando nos desequilibramos ou quando tropeçamos em coisas que impõem sua presença no meio de nossa trajetória. Caímos também voluntariamente, quando jogamos com a vertigem, quando dançamos. Nesses três casos, não se trata da mesma queda.

De todo modo, a queda, essa inevitável submissão à gravidade, essa atração fatal à Terra, esse desejo de voltar a ser Terra, é algo que nos assombra. Como disse uma vez o dançarino Hubert Godard (2010), a pergunta *como não cair?* vem antes da pergunta *como se mexer?* já que o movimento, afinal, sempre implica certa dose de desequilíbrio, a necessidade de reorganizar a massa e o volume do corpo, de reajustar o centro gravitacional – um risco, afinal, de cair.

Mas porque tanto medo da queda? “Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair” (KRENAK, 2019, p. 14). Caminhar, afinal, é aprender a cair, já que a cada passo colocamos em risco nossa posição bípede vertical, arriscamos a vida nos desequilibrando com a fé que retomaremos o equilíbrio no passo seguinte. Há sempre uma pequena queda num equilíbrio que é dinâmico, uma espécie de dança. Não raciocinamos, apenas confiamos nossa vida à sabedoria de nossas pernas e pés, ao pensamento do corpo, que sabe exatamente o que fazer.

Talvez a pergunta mais adequada não seja a de Godard, afinal, mas essa: *como cair sem morrer?* Porque o medo da queda é o medo da morte. Como não entrar em agenciamentos demasiadamente violentos, desterritorializações que o corpo não suporta? Como não perder para sempre o chão? Como só morrer o suficiente para experimentar os agenciamentos que nos sacodem, que nos fazem tropeçar, mas que nos guardam vivos? Como só morrer o suficiente para que a vida ganhe ainda mais potência? Como fazer morrer em nós apenas aquilo que impede nossa plena potência de vida passar?

### **Erguer tendas**

Esse movimento então: sair da casa, do território, caminhar, devir-paisagem, perder o chão, cair. Esta pode ser a coreografia tanto de um movimento extensivo (um deslocamento do corpo pelo espaço), quanto de um movimento intensivo (um trânsito de sensações e de forças nas bordas do espaço do corpo, que não é necessariamente o volume que ele ocupa). De todo modo, os movimentos intensivos tendem a ser favorecidos quando um corpo realmente se desloca pelo espaço, deambula, dança.

Mas e a nossa pergunta: *Qual é a relação do pensamento com a Terra?* Dizer que tudo termina na queda soa um pouco fatalista. Seria possível, depois da queda, sobre esse solo instável, erguer alguma coisa? Erguer uma espécie de tenda, arquitetar um espaço para que alguma coisa em nós se ponha novamente de pé, para que possamos continuar a caminhar? E cair, novamente, e assim por diante, em espiral?

A tenda é uma casa sempre precária, uma arquitetura do habitar temporária, nômade, na qual se dispõe e se organiza fragmentos de um Si remexido pelos abalos do caminhar, pelas feridas das quedas. Um espaço de refúgio (para dizer como a/o dançarina/o Antonija Livingstone), espaço suficiente para repousar uma história parcial, fragmentária, para convergirmos sobre uma pequena parcela de terra, a partir da qual podemos traçar nossos pequenos trajetos e reconstruir nosso chão, em outro lugar, fazendo alianças com outros nômades. “Ter sempre um pequeno

pedaço de uma nova terra” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 24). Reterritorialização. A tenda é o lugar de onde podemos tomar posição, o lugar a partir do qual se traça um novo território. Tomar posição inclusive contra quem se apropria de nossa terra, acampamento dos sem-terra, reivindicação de posse. A tenda é de onde traçamos também o plano do pensamento que nasceu do deambular, de onde criamos um chão sobre o qual os conceitos caminham. Na tenda, traçamos os mapas conceituais que esboçamos quando desenhávamos sobre o solo da Terra, pousamos as palavras também nesse solo.

O chão é a fundação do pensamento<sup>6</sup>. Este se ergue da Terra, como o nosso corpo e nossa tenda que fica de pé. Não se trata propriamente de uma relação de origem ou de causalidade, mas de jogo de forças, de vetores. Lembro mais uma vez da fala de Krenak (2019, p. 12): “a ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos”. O pensamento que se ergue da Terra produz um tipo de saber situado, que se encarna numa determinada posição, que se constrói por meio de redes e de ressonâncias, que é consciente de seu limite, de sua parcialidade, de sua fragilidade e, por isso, de sua necessidade de fazer conexões. Ele assume, afinal, responsabilidade pela sua própria perspectiva.

Donna Haraway chama isso de objetividade situada. Ela diz: “a objetividade revela-se como algo que diz respeito à corporificação específica e particular, (...) todos os olhos, incluídos os nossos olhos orgânicos, são sistemas de percepção ativos, construindo traduções e modos específicos de ver, isto é, modos de vida”. Assumir a objetividade como racionalidade posicionada é firmar o compromisso de fazer a “junção de visões parciais e de vozes vacilantes numa posição coletiva de sujeito que promete uma visão de meios de corporificação finita continuada, de viver dentro de limites e contradições, isto é, visões desde algum lugar” (HARAWAY, 2009, p. 21 e 34). Trata-se de uma outra ética e de uma outra política do saber e do pensamento. A imagem do saber objetivo situado é uma espécie de acampamento, tendas que se

---

<sup>6</sup> Gostaria de lembrar aqui da distinção que Deleuze faz entre a fundação e o fundamento: “a fundação diz respeito ao solo e mostra como algo se estabelece sobre este solo, ocupa-o e o possui; mas o fundamento vem sobretudo do céu, vai do ápice às fundações, avalia o solo e o possuidor de acordo com um título de propriedade” (DELEUZE, 2006, p. 123).

constroem umas ao lado das outras, perspectivas precárias, parciais, mas conscientes de sua posição e de sua necessidade de formar redes, conscientes, afinal, de sua relação com a Terra.

Um pensamento deambulatório, que reencontra o sentido dos deslocamentos, que se ancora no chão e que se conecta ao mundo e aos outros, é capaz de sonhar novas paisagens e produzir um saber situado, sensível e coletivo. Um pensamento deambulatório ergue acampamentos pelo mundo, sem negar o corpo e seus ritmos, assumindo suas danças e seus desenhos de chão, coreografando existências sem medo de ocupar um lugar entre as coisas, sem medo de perder-se, sem medo das encruzilhadas. Ou melhor, com medo, talvez, mas com a coragem de partir(-se).

## Referências

ARISTÓTELES. **Physics, A revised text with introduction and commentary by W.D. Ross**, Oxford University Press, Oxford, repr.1998 (1936).

DELEUZE, Gilles. **Espinoza. Filosofia Prática**. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

\_\_\_\_\_ **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

\_\_\_\_\_ **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2<sup>o</sup> ed, 2006.

\_\_\_\_\_ **Francis Bacon. Lógica da Sensação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_ **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol III**. São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_ **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol IV**. São Paulo: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_ **O que é a filosofia?** 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: Realizações editora, 2010.

GODARD, Hubert. **Buracos Negros: uma entrevista com Hubert Godard**. Por Patrícia Kuypers. Tradução de Jeana Ribeiro da Silva Tavares e Marito Olsson-Forsberg. In

Revista O Percevejo – Periódico do Programa de Pós-Graduação da em Artes Cênicas – PPGAC-UNIRIO, n. 2., vol. 2, online, 2010.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da percepção parcial.** In Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009.

HORTA, Amanda e JACQUES, Renato. **Pesa, logo existe: por uma antropologia que corra (perigo).** In Cadernos de Campo, vol. 29, n.2. São Paulo (online): USP, 2020, pp.1-18.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição.** Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami.** São Paulo: Cia. Das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

LEITE, Ana Rita Nicoliello Lara. **Coreografia das sensações: corpo, dança e filosofia.** 2022, 321 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2022, Belo Horizonte, 2022.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética** [trad. Tomaz Tadeu] 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

Recebido em: 22/02/2023

Aceito em: 25/03/2023